

4

Conclusão

Os esforços deste trabalho, até aqui, foram no sentido de reconstruir o contexto histórico-político, e o vocabulário político relacionado conceito de *civilização*, nas obras de Alberdi e Sarmiento do período que nos propusemos estudar. Buscou-se, sobretudo, dar conta das alterações desse conceito ao longo de pouco mais que uma década, investigando as alterações no discurso de cada um daqueles autores. No caso de Alberdi, o foco foi no período entre *Fragmento Preliminar al estudio del Derecho* (1837), e *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina* (1852); já no caso de Sarmiento – um pouco mais novo do que os intelectuais geralmente associados à *Geração de 1837* – iniciamos a análise a partir do seu clássico *Facundo* (1845) e terminamos com *Argirópolis* (1850).

Tratamos essas obras como discursos políticos, dotados de *atos de fala*, por meio dos quais os dois autores buscaram intervir na realidade; e consideramos que esses discursos tiveram que lidar sempre com uma dupla dimensão, ou seja, a do *diagnóstico* e a do *projeto*. Por isso foram importantes aqui os “meta-conceitos” *campo de experiência* e *horizonte de expectativa*; os planos projetados para o futuro, propostos por aqueles intelectuais, tiveram sempre a contrapartida da percepção que eles tinham da realidade, e de qual seria a abertura do espaço para a ação que esta lhes cederia.

A primeira hipótese a recuperar aqui é exatamente a de que, analisando os discursos de Alberdi e Sarmiento sob uma perspectiva *diacrônica*, foi possível perceber uma expansão gradativa do espaço para a ação. O impacto da filosofia da história e da Revolução Francesa havia tornado concebíveis mudanças antes impensáveis, pondo à frente dos atores políticos dos séculos XVIII e XIX uma noção de *progresso* também inexistente anteriormente. Koselleck entende que a *aceleração*, típica dessa nova concepção de tempo, “abrevia os campos de experiência, rouba-lhes sua continuidade [...] de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não-

experimentável”²⁸⁴. A partir de então, para além de “racionalizar o futuro” de modo a estabelecer algumas previsões, os intelectuais passam a querer “acelerar esse futuro”.

A geração de Alberdi e Sarmiento foi bastante impactada pelo *historicismo* romântico, que enfatizava o conhecimento histórico como essencial para a compreensão dos fenômenos sociais. A influência do conceito de *progreso* – evidente nos escritos dos autores franceses a partir dos quais o historicismo foi difundido na região do Prata – tornava possível que os românticos rio-platenses lidassem tanto com uma perspectiva de historicidade, quanto com outra projetiva, voltada para o futuro, de maneira simultânea.

Vimos que o diagnóstico de ambos os autores sobre o rosismo se alterou bastante ao longo do tempo. Para além das mudanças de cunho mais político, buscamos mostrar que outras, de ordem conceitual, concorreram no sentido de alterar a legitimidade que conferiam em cada momento ao rosismo. No caso do jovem Alberdi que escreve *Fragmento Preliminar*; a ordem rosista aparece legitimada por uma “legalidade transcendente”; já no início da década de 1840 – em um momento de acirramento político que culminaria no exílio de boa parte da *Geração de 1837* – Rosas já era percebido como “un gigante de papel, que no asusta sino porque está pintado con sangre humana” – e assim não teria uma justificativa histórica para continuar governando. O rosismo, mesmo antes do seu esfacelamento, era cada vez menos entendido como algo legitimado pela realidade, e isso certamente se relaciona a uma crise do próprio paradigma historicista, que finalmente, à época de *Bases y puntos* – quando Rosas já havia sido derrotado pelas forças comandadas pelo general Urquiza – perde muito da presença que tinha no discurso de Alberdi.

A primeira obra de Sarmiento que analisamos foi *Facundo*, escrita quando já havia ocorrido a radicalização do enfrentamento político na região do Prata. Sendo assim, a obra já trazia uma crítica incisiva ao rosismo e ao poder dos caudilhos federais, ainda que, conforme visto, esta fosse marcada por tensões entre os conceitos antitéticos *civilização* e *barbárie*, que lá aparecem sob formas muito menos definidas e herméticas do que a historiografia tradicional se

²⁸⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado.*, op. cit., p. 36.

acostumou a tratar. No caminho até *Argirópolis*, passando também pelo registro realizado em *Viajes*, obra na qual notamos uma série de redefinições conceituais importantes, vimos que o diagnóstico de Sarmiento segue cada vez mais a direção de uma *crítica institucional*, baseada na necessidade de projetar uma constituição e encontrar o consenso necessário para a sua aplicação.

A análise da trajetória dos discursos em ambos os autores, revela, portanto, um incremento do espaço para a ação nos seus projetos. Os seus diagnósticos sobre o que impedia a civilização no território argentino se alteram, à medida que se altera também o arcabouço conceitual relacionado àquele exercício. A própria proposição de pontos mais claros e específicos – que se era uma exigência mais evidente à época de *Bases y puntos*, não o era quando Sarmiento escreve *Argirópolis* – evidencia a força que ganhava a possibilidade de civilizar e organizar a nação; agora não mais por meio de leis daquele tipo idealizadas pelos unitários, mas sim com a elaboração de uma constituição capaz de institucionalizar e fornecer os meios para a civilização.

Esses projetos civilizatórios, que expressam uma abertura das expectativas e possibilidades rumo a um futuro que representaria uma realidade diferente e melhor, podem ser tratados como *utopias*, no sentido em que encarnaram a dimensão utópica inerente à filosofia da história e ao conceito de progresso. No caso de Sarmiento, a ilha de Martín García, que ele propõe como capital da futura nação, idealizada em *Argirópolis*, funciona como o “espaço-vazio”, sobre o qual, inspirado nos Estados Unidos – o seu novo paradigma civilizacional a partir de *Viajes* – seria erguida uma civilização organizada, republicana e federal. Já em Alberdi, em função da sua gradativa descrença na possibilidade de uma “civilização endógena”, a dimensão utópica aparece fundada menos na construção de algo original, como fora possível nos Estados Unidos, e mais na dependência de um “transplante”. Por isso, o seu projeto traz uma concepção de que longe de estabelecer “princípios”, seria necessário institucionalizar, por meio da constituição, garantias de que a indústria, a imigração, o comércio e o capital estrangeiro civilizassem espontaneamente a sua nação. Certamente, a ressignificação que Alberdi realiza do conceito de civilização, baseada no transplante e na crença em sua espontaneidade, se relaciona com o movimento detectado nos seus discursos, de uma ênfase cada vez maior na noção de que para

civilizar, seria necessário acelerar a reinserção da sua nação em um curso “mais universal” da civilização, que se realizaria preferencialmente desde a Europa, e não da América do Sul²⁸⁵.

Concebemos como uma segunda hipótese a existência dessas diferenças no caráter dos seus projetos, e nos próprios significados nos seus conceitos de civilização, como relacionadas às redefinições conceituais importantes que ocorreram entre o marco inicial da *Geração de 1837* e o início da década de 1850. Como uma redefinição mais geral, propomos, apoiados no trabalho de Elías Palti²⁸⁶, a crise do conceito genealógico-evolutivo de nação, sincrônica à crise política que se inicia com a radicalização do rosismo. Nesse momento de grande redefinição conceitual, observamos que a linguagem política aponta para um ganho da perspectiva de um futuro menos dependente das contingências do passado e do presente.

No entanto, tratamos também de redefinições mais específicas nos discursos de cada um dos autores. Foi nesse sentido que estabelecemos a importância da mudança do paradigma civilizacional de Sarmiento da França para os Estados Unidos. Os significados de *civilização* no seu discurso passaram a estar imbricados à educação pública, a idealização dos municípios como modelo preferencial de povoamento, e aos conceitos de *república*, *federalismo*, conforme desenvolvidos pelos norte-americanos.

Já em Alberdi, enfatizamos a reconfiguração do instrumental teórico que o influenciava e que ele resignificava para atuar no contexto do Prata; de um primeiro momento, quando os saintsimosianos e os românticos tiveram grande importância no seu discurso, passou a abraçar o “liberalismo restritivo”²⁸⁷ dos doutrinários franceses – ainda que sempre interpretando de acordo com o seu contexto político e em constante tensão com a herança historicista. Em contraste ao ideário romântico, aqueles liberais localizavam o curso da civilização universal

²⁸⁵ Posição bastante distinta da que sustentava na sua juventude, mais ligada ao historicismo e na idéia de que existiria um curso próprio, cujo sentido seria a tarefa de “filosofia nacional” desvendar.

²⁸⁶ Cf. PALTÍ, Elías. *La nación como problema. Los historiadores y la “cuestión nacional”*; _____. *El momento romântico.*, op. cit.

²⁸⁷ Expressão utilizada por Oscar Terán. Cf. TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina: diez lecciones iniciales.*, op. cit.; *Presentación*. In: _____. (org.). *Escritos de Juan Bautista Alberdi*.

como um processo realizado essencialmente a partir da Europa. Portanto, enquanto para o Sarmiento de *Argirópolis* “El mal no está en los hombres, sino en la falta de instituciones [...]”²⁸⁸; para o Alberdi de *Bases y puntos* uma “civilização endógena” realizada de dentro para fora, baseada no exemplo dos Estados Unidos e que contasse com a perspectiva de “melhorar” a população sem a perspectiva de uma importação de gente e de hábitos, era inconcebível.

Por fim, considerando a abertura do espaço para a ação que detectamos, e as diferenças entre os discursos, extraídas do esforço comparativo entre os dois projetos, foi possível trabalhar com a terceira e última hipótese, de que os conceitos *nação* e *civilização* sofreram nos discursos de Alberdi e Sarmiento, ao longo do período aqui compreendido, uma aproximação semântica, que torna gradativamente mais complicado o uso de cada um dos dois conceitos, sem que os seus conteúdos semânticos remetessem diretamente um ao outro.

²⁸⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis.*, op. cit., p. 86.